

Ms. 12000

PP. 02

Série de Notas sobre a Guerra

N.º 99

Quem tem medo?

Col. 13

PUBLICADA PELO

Bureau da Imprensa Britânica em Lisboa



LISBOA

TYPOGRAPHIA DO ANNUARIO COMMERCIAL

Praça dos Restauradores, 24

1918



Quem tem medo?

A linguagem da diplomacia e da politica afasta-se bastante da frase familiar do homem chão, e em geral traz a muita gente uma certa confusão de idéas. Portanto é vantajoso reafirmar de vez em quando numa linguagem simples os factos fundamentais.

Nos dias de grande anciedade que precederam a primeira semana de agosto de 1914, falava-se ardentemente, continuamente da paz, lutava-se pela paz — porém exclusivamente por um lado: o lado das Potencias da Entente. A cruel nota guerreira soou, tambem só dum lado; do mesmo lado vieram os primeiros, os fatais actos de guerra. Esse lado foi o das Potencias Centrais.

Só dum lado se estava preparado; a superioridade esmagadora da força militar achava-se só dum lado; a terrivel serie de sucessos resultantes dos primeiros golpes feridos eram todos para o mesmo lado cujos chefes tinham preparado medalhas para distribuição, comemorativas do triunfo dos seus fitos agressivos, tais como a tomada de Paris e outros. A conquista, o

triunfo, uma vitoria completa e gloriosa: tal era exclusivamente o assunto das Potencias Centrais; da paz nunca falaram.

Quando, depois de dois anos e meio de guerra as Potencias da Entente tinham conseguido pouco a pouco vencer as grandes vantagens materiais em recursos militares das Potencias Centrais, inverteram-se as posições. A linguagem da paz vinha então do lado das Potencias Centrais, os actos de guerra do lado das Potencias da Entente. Porém a linguagem da paz proferida pelas Potencias Centrais, pelos seus chefes alemães, era de natureza tão extravagante, repudiava tão descaradamente a responsabilidade do agressor, que alcançou unicamente o rigoroso desprezo do mundo. Isto foi seguido, á medida que o desespero da Alemanha a levava a desafiar as leis de Deus e dos homens, pelo rompimento de relações diplomaticas por parte dos Estados neutrais.

Tendo falhado o seu projecto da conquista da Europa pela força das armas, tendo sido unanimemente rejeitadas as suas tentativas de se esquivar das consequencias da sua agressão, a Alemanha compreendeu que lhe não seria vantajoso continuar a falar duma paz sem reparação. Além disso, por meio duma desapiadada guerra submarina dirigida contra o mundo inteiro, ela vangloriava-se de terminar rapidamente a guerra privando a Gran Bretanha de alimentos e obrigando os seus inimigos mais importantes a renderem-se. Porém com o correr do tempo, os seus dirigentes compreende-

ram que, a par dos seus primeiros planos para a conquista da França e o dominio da Europa, a sua pirataria não lhe dava a vitoria, a Alemanha então começou de novo a fazer tentativas para a paz; contudo desta vez não apresentou declarações francas. Por diferentes manejos solapados os seus emissarios trabalhavam na Russia, na Suissa, na Scandinavia e tambem, por meios corruptos e subtis, na Gran Bretanha, na America e em França. Todas estas manobras tinham a mesma feição característica. Onde quer que os emissarios alemães trabalhassem, qualquer que fosse a sua liberdade de acção, tinham de observar como lei fundamental que nenhuma discussão ou investigação devia tocar nas causas da guerra. Tem sido notavel a attitude da Alemanha sobre esse ponto; merece um estudo cuidadoso por parte de pacifistas e germanofilos em todo o mundo.

Emfim, a Alemanha, fortalecida com todas as vantagens possiveis, estando perfeitamente preparada e possuindo grande superioridade de recursos militares, impoz a guerra á Europa, a despeito dos esforços incessantes do Ministro dos Negocios Estrangeiros britanico a favor da paz, da discussão, da arbitragem, de qualquer outra solução que não fosse a guerra. E quando, tendo-lhe falhado os seus planos de conquista, a ofensiva passou para as nações que deviam ser as suas victimas, começou logo a fazer propostas para uma paz igual; isto é, uma paz que lhe poupasse um processo, um julgamento e uma condenação. Desde então não

tem deixado de procurar por subterfugios meio de evitar as suas responsabilidades.

Temos na *Gazeta de Colonia*, órgão do Governo alemão, um comentario singular e interessante sobre este ponto. Referindo-se á revelação Hoffmann-Grinn, diz o seguinte:

«E' preciso registrar o facto, uma vez para sempre, que desde ha tempo qualquer tentativa que se faça na direcção da paz é logo apelidada pela Entente de trama urdido contra ella. Este medo da paz é prova flagrante do mau estado em que se encontra o balanço actual dos nossos inimigos nesta guerra mundial. Temem a paz porque ella viria confirmar o mau exito do seu ataque depredatorio.»

Sobre esse tema que a Entente «teme a paz» ha mais, Em 1914, a Alemanha acusou as Potencias da Entente, com especialidade a Gran Bretanha, de temer a guerra. E' facto que a temiam, como toda a nação honesta deve temer para os seus povos a ruina e o sofrimento. Porém agora são acusadas de temerem a paz pela razão que a paz «viria confirmar o mau exito do seu ataque depredatorio». Quereríamos indagar em que parte do territorio alemão se lançou esse ataque depredatorio, atendendo a que, até hoje, os combates teem-se dado exclusivamente em territorio da Entente invadido pelas tropas das potencias Centrais. «Medo da paz!» O termo

pede um exame cuidadoso. O medo da paz pressupõe um desejo, uma preferencia, pela guerra. Ora pouca gente ha que considere a guerra como um possivel estado perene. A propria Alemanha de 1914, então a maior potencia militar do mundo, não o teria declarado. O que significa a guerra? Indica evidentemente uma luta para se chegar a uma resolução: uma pressão exercida para se obter uma decisão. A paz é a sua antitese. A Alemanha proclama que as potencias da Entente temem a paz. Em outros termos, a Entente luta pela decisão, pelo veredicto da contenda entre ela (composta das principais democracias do mundo) e as Potencias Centrais, ultimo baluarte da autocracia militar. A Entente luta para esse fim e ao mesmo tempo deseja evitar esse fim!

Eis como a Alemanha descreve a situação. Tal afirmação não pede refutação nem comentario. E' de toda a justiça declarar que a Entente teme e deseja evitar tudo quanto possa impedir uma decisão ou veredicto na contenda existente entre ela e os que ambicionam o posto de dictador da Europa; os quais entraram na guerra para impôr á cristandade, pela força das armas, a sua Kultur e o seu sistema de autocracia militar. Como pode isto provar que o balanço das Potencias da Entente se encontre em má situação? Um mau balanço dará vontade e ao mesmo tempo receio de se chegar a uma decisão? A despeito dos melhores esforços empregados por propagandistas alemães, todos os individuos sensatos continuarão a crer que a

firme resolução das Potencias da Entente de procurar com ardor uma decisão é prova segura que o balanço se acha a seu favor. Não carece elucidação o desejo bem evidente que demonstram as Potencias Centrais de fugir a uma decisão e veredicto, para obter em seu logar uma convenção.